



OBITUÁRIO

Morre o inventor do humor brasileiro engajado

O cartunista Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe, o Jaguar, fundou o jornal *O Pasquim* e revolucionou o humor na imprensa. Ele trabalhou com nomes como Ziraldo, Millôr Fernandes, Henfil e outros mestres das artes gráficas

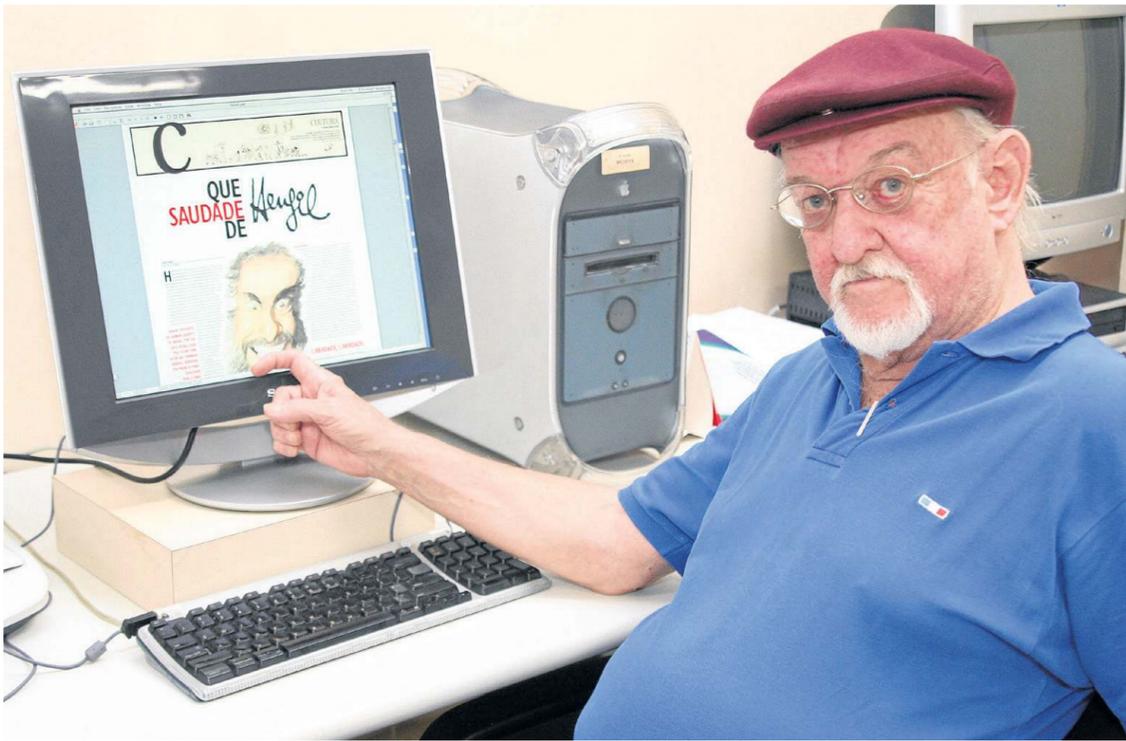
Jaguar queria ser comandante de navio, mas não deu. Tornou-se, então, um dos cartunistas mais importantes do Brasil, que ficou órfão de uma voz capaz de mesclar crítica e humor com elegância, inteligência, precisão e muita ironia. Nascido Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe, o cartunista morreu, ontem, aos 93 anos. Ele estava internado com uma pneumonia há três semanas no hospital Copa D'Or, no Rio de Janeiro, onde morava.

O cartunista começou a carreira desenhando para a revista *Manchete*, em 1952. Ao mesmo tempo, trabalhava no Banco do Brasil, para o qual prestou concurso e no qual ficou por 17 anos, até pedir demissão em 1974. Na instituição, tinha como chefe o cronista Sérgio Porto, que o aconselhou a não trocar o emprego de bancário pelo de ilustrador. Foi anos após a fundação do *O Pasquim*, criado em junho de 1969 com a finalidade específica de bater na ditadura militar, que Jaguar decidiu pedir demissão.

Segundo ele, porque queria estar na redação do semanário nas horas mais animadas do dia, e não em outro emprego. Botequeiro contumaz, perfeito tradutor do modo de vida carioca, fundador da Banda de Ipanema, Jaguar tinha o olho afiado para o que podia render humor.

Foi o cartunista Borjalo quem sugeriu o pseudônimo a Jaguar. Com essa assinatura, criou personagens emblemáticos como o Gastão, o vomitador, Boris, o Homem-Tronco e o ratinho Sig, inspirado em Sigmund Freud e apaixonado por Odete Lara e Tânia Scher. Todos eles circulavam pelo *O Pasquim*, que tinha também BD, o Capitão Ipanema, protagonista da tirinha Chopnics (mistura de chopp com beatniks) e inspirado no amigo Hugo Bidê que, Jaguar dizia, levava um ratinho branco para os bares. Gastão, o vomitador era especialista em colocar tudo pra fora ao se deparar com notícias absurdas nos jornais.

Breno Fortes/CB/D.A. Press



Visita de Jaguar ao Correio em 2005. Ele morou por quase 1 ano em Brasília para acompanhar a mulher, que assumiu um cargo no governo

Já Bóris, o Homem-Tronco, era um personagem sem pernas que dirigia um carrinho quadrado e protagonizou *Átila, Você É Bárbaro*, primeiro livro lançado por Jaguar, em 1968. Mais tarde, ele lançaria ainda o livro de memórias *Ipanema — Se Não Me Falha a Memória*, em 2000, e *Confesso Que Bebi*, em 2001, um compilado de histórias pessoais com uma peregrinação pelos cardápios dos bares cariocas.

Desde a década de 1950, Jaguar passou por inúmeros veículos. Além da *Manchete*, publicou também na *Senhor*, *Civilização Brasileira* e *Revista da Semana*, e nos jornais *Tribuna da Imprensa*, *Última Hora*, *A Notícia* e *O Dia*, além do histórico *Pif-Paf*, de Millôr Fernandes, e do já citado *O Pasquim*. Também foi editor da

Bundas, publicação lançada no fim dos anos 1990 com parte da turma do jornal.

O Pasquim é um capítulo à parte na vida do cartunista, um marco de criatividade e de resistência. O jornal foi fundado em junho de 1969, sete meses depois do AI-5, que endureceu a ditadura, suspendeu direitos políticos e civis, permitiu ao presidente fechar o Congresso Nacional e instalou de vez a censura. Ao lado de Sérgio Cabral, Claudius Carlos Prósperi e Tarso de Castro, Jaguar participou da fundação do semanário, que teria na equipe, ao longo dos anos, nomes históricos do jornalismo alternativo como Millôr Fernandes, Ziraldo, Henfil, Paulo Francis, Ivan Lessa e Sérgio Augusto. O próprio Jaguar sugeriu o nome do jornal, uma referência

ao termo italiano Paschino, um panfleto difamador.

Em entrevistas, ele explicava: “A fundação de *O Pasquim* logo depois do AI-5 foi uma coisa inteligente, né? Risos. Um grupo de pessoas consideradas de um certo QI, esperou o AI-5 pra abrir um jornal pra falar mal do Governo! Foi uma ideia brilhante! Risos Deu tanto resultado que, seis meses depois, 80% da redação estava em cana.”

Jaguar gostava de brincar dizendo que não sabia desenhar, mas que enganava muito bem. Em uma entrevista concedida à Associação Brasileira de Imprensa (ABI) em 2009, ele explicou: “Eu detesto desenhar! Se um dia eu puder ou tiver que parar de desenhar, não desenho mais. Minha única inspiração

é a seguinte: Eu tenho que entregar a porra do desenho! Risos. Se não, eles não me pagam?”

A capacidade de se autoesculhambar era infinita e, eventualmente, até irritava os amigos. Ziraldo reclamava de certas histórias, como a da prisão durante a ditadura, sempre relatada de forma bem-humorada ao longo dos anos. Segundo Jaguar, Ziraldo ficava zangado porque achava que as histórias estragavam a imagem pública da turma.

O humor não tinha descanso na vida do cartunista. Quando completou 80 anos, em 2012, revelou que sofria de cirrose e câncer no fígado. Passou por cirurgia e contou, em entrevista à *Folha de São Paulo*, que já havia vivido mais do que esperava.

» Jaguar na capital

Em 2005, Jaguar teve um breve momento brasileiro. Morou por 11 meses na cidade quando sua mulher, Célia Regina Pierantoni, assumiu o cargo de diretora de Gestão da Educação na Saúde do Ministério da Saúde. Na época, visitou a redação do *Correio* e deu uma entrevista ao jornal na qual reparava que Brasília não tinha calçadas e que era formada por imensos espaços vazios. Contou à repórter Conceição Freitas que não entendia por que não se construiu um metrô antes de a cidade ser erguida. Era uma falha “perdoável” de Oscar Niemeyer, por quem o cartunista se dizia apaixonado. Jaguar também confessou: “Aliás, estou com 90% de certeza de que vou morrer antes dele”. Niemeyer morreu em 2012 e era 24 anos mais velho que Jaguar, que fez uma rápida e tumultuada visita à redação do jornal.

Quando o médico explicou que não morreria de imediato, disse: “O médico ficou perplexo comigo. Quer dizer que não vou morrer dentro de 20 dias? Ele falou: Não. Falei: Porra, mas que sacanagem! Já bolei todo o esquema, vou ter que reformular tudo de novo, voltar à vida normal, fazer planos para o futuro e o cacete, mas que merda! Risos!”

Em abril de 2008, a Comissão de Anistia do Ministério da Justiça decidiu que Jaguar receberia uma indenização de mais de R\$ 1 milhão e uma pensão mensal de R\$ 4 mil, assim como Ziraldo, pelos prejuízos que sofreram com a perseguição política durante a ditadura militar (1964-1985). O valor rendeu críticas, e Jaguar chegou a se dizer decepcionado com a reação do público e da mídia: “Não esperava levar tanta porrada”.

Autoridades comentam morte do artista

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

Autoridades brasileiras lamentaram a morte do cartunista Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe, o Jaguar. O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Gilmar Mendes enalteceu a trajetória do artista e sua contribuição para a história do país — que fundou o jornal *O Pasquim* no ano de 1969, época da ditadura militar.

“Um dos maiores cartunistas brasileiros e fundador do histórico jornal *O Pasquim*. Sua irreverência e talento marcaram gerações e ajudaram a manter vivo o espírito crítico em tempos sombrios. Meus sentimentos à família”, escreveu o decano nas redes sociais.

O líder do governo na Câmara, José Guimarães (PT-CE), destacou o lado crítico e irreverente de Jaguar. O parlamentar definiu o cartunista de “doce rebelde”. “Soube fazer do seu traço e do seu verbo, poderosos instrumentos de luta pela democracia”, acrescentou.

O deputado federal Lindbergh Farias (PT-RJ), líder do partido na Câmara, ressaltou a “inteligência libertária” do artista. “Anticaretista, meio bukowskiana. Na sua apostila do carioquismo, o botequim deve

ser, de preferência, razoavelmente limpo. Mas não a ponto da gente pensar que está bebendo em uma enfermaria. Afinal, ninguém morre de infecção contraída em bar. E quantos já morreram de infecção hospitalar?”, disse o político.

Nas redes sociais, o presidente da Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur), Marcelo Freixo, também prestou sua homenagem. “Perdemos hoje um dos grandes cartunistas do nosso país! Jaguar foi um brilhante artista e um dos criadores do jornal *O Pasquim*, veículo fundamental na crítica à ditadura militar. Meus sentimentos à família e amigos. Viva Jaguar!”, escreveu.

Colegas lamentam

O cartunista foi um dos criadores do jornal satírico *O Pasquim*, com conteúdo ácido e crítico à ditadura militar vigente no Brasil. Pela internet, o escritor Afonso Borges disse que “Jaguar vai atravessar o tempo e a história da cultura brasileira como o mais resistente de todos”.

O escritor Luis Pimentel também lamentou a perda do amigo. “Mais uma baixa na comissão de frente do humor e do jornalismo

Fotos: Reprodução



Capa do *O Pasquim* publicada em novembro de 1970



O Pasquim na época da ditadura militar

história da cultura brasileira como o mais resistente de todos. Jaguar era o mais resistente”, escreveu no X.

O escritor Luis Pimentel também lamentou a perda do amigo. “Mais uma baixa na comissão de frente do humor e do jornalismo

brasileiros: partiu hoje, aos 93 anos, o cartunista Jaguar (Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe). Descanse em paz, mestre”, disse.

Em entrevista à GloboNews, o cartunista Chico Caruso declarou que Jaguar era o “melhor cartunista

brasileiro” e disse que o visitou no hospital poucos dias antes de morrer. “Ele era o melhor cartunista brasileiro, meu amigo querido e é uma perda irreparável para o humor e para o Brasil”, afirmou.

Caruso falou sobre sua relação

com o colega. “Era o melhor dos amigos possíveis que se podia ter, e um profissional fantástico”, disse. “Millôr Fernandes era grande, Ziraldo era grande, mas só ele era o Jaguar”. Inigualável, inestimável, inimitável Jaguar”, acrescentou.